

O Boletim de Conjuntura publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos, artigos empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 1 | Nº 2 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3761162>



O BREXIT, A SOBERANIA E O GLOBALISMO

Helvécio de Jesus Júnior¹

Resumo

Esse texto tem o objetivo de descrever as origens do movimento político de saída do Reino Unido da União Europeia, o BREXIT, bem como avaliar as dimensões do debate político envolvendo os temas da soberania e globalismo. Nesse sentido, esse ensaio apresentará um contexto histórico dos debates políticos envolvendo o BREXIT no Reino Unido e suas repercussões.

Palavras-chave: BREXIT; Globalismo; Reino Unido; Soberania; União Europeia.

No fim do mês de janeiro de 2020 o Reino Unido, enfim, chegou ao término de um processo político vagaroso e complexo de saída da União Europeia. Em 2016 o bloco europeu com mais de cinquenta anos de história e a mais avançada experiência de regionalismo do mundo reagiu estupefato a decisão do plebiscito britânico que votou pela saída da União Europeia. Quais seriam as razões imediatas e quais poderiam ser os objetivos mais profundos no campo político que culminaram nessa decisão? Meu objetivo nesse breve ensaio é discorrer sobre alguns pontos debatidos, principalmente na Inglaterra, e também ao redor do mundo, que nos ajudam a compreender esse fenômeno político inédito.

O contexto de saída do Reino Unido precisa ser entendido, em primeiro lugar, pela ascensão do Partido UKIP (Partido da Independência do Reino Unido) que sempre defendeu uma visão mais nacionalista e “eurocética”, isto é, avesso a um modelo supranacional europeu que cerceasse a soberania política britânica em diversos assuntos desde sua política comercial até temas de imigração e controle de fronteiras. É importante também recordar que esse movimento político do UKIP foi muito forte e foi anterior ao BREXIT. Em 2014, por exemplo, pela primeira vez na história britânica, um partido que não fosse o trabalhista ou conservador, conquistou a maioria dos assentos na eleição para o parlamento europeu (HUNT, 2014).

No manifesto político do UKIP criado em 1993 é possível destacar sua intenção em resgatar o total controle da soberania britânica em relação às decisões comunitárias desde Bruxelas, sede da União Europeia. Novamente é possível perceber que a defesa da liberdade britânica em relação à União política estabelecida no continente europeu desde o Tratado de Maastricht de 1992. De certa forma, o UKIP e o movimento nacionalista britânico ganham força após esse tratado aprofundar os controles supranacionais:

¹ Doutor em História pela UFES; Mestre em Relações Internacionais pela PUC-RJ. Professor Titular do curso de Relações Internacionais da Universidade Vila Velha (UVV-ES). Email para contato: helvjunior@hotmail.com



UKIP stands for a complete and total withdrawal from the European Union. Irrespective of whatever new 'withdrawal agreement' or treaty the government agrees with the EU, UKIP will continue to fight for the UK's total independence from the EU, and to fully restore the UK's former status as an independent, self-governing, sovereign state (UKIP, 2019).

O manifesto continua defendendo a importância de retomar o controle sobre suas políticas, sejam elas: exterior, militar, de agricultura e comercial. As origens do afastamento do Reino Unido do projeto de unificação política europeu, contudo, tem origens mais antigas.

Os chamados pensadores do Movimento Europeu de 1948 advogavam uma Europa Unida após a devastação causada pela Segunda Guerra Mundial. Ganhava força a análise funcionalista de que os nacionalismos extremos haviam levado a Europa à guerra e à destruição. Era necessário construir instituições técnicas supranacionais e despolitizadas para gerir os recursos e administrar a cooperação entre os Estados europeus.

Dentre os defensores desse projeto funcionalista estavam Robert Schumann e Jean Monnet, representando a França, e Konrad Adenauer, representando a Alemanha no pós-Guerra. Convergiam esses pensadores na necessidade de limitar as soberanias nacionais e fortalecer instituições de integração regional de caráter supranacional (SCHUMANN, 1954). A primeira experiência foi a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, CECA, proposta em 1951.

A primeira reação em defesa do modelo intergovernamental de integração com a manutenção das soberanias nacionais foi levada a cabo pelo presidente francês Charles de Gaulle. A ideia do líder francês era não só limitar o projeto supranacional, mas também manter a liderança da França sobre o processo de integração regional na Europa. E nesse período que o Reino Unido volta à cena, pois para Charles de Gaulle. Os britânicos deveriam, ao menos em princípio, permanecerem fora do projeto de integração europeia.

De fato, o Reino Unido só conseguirá entrar na Comunidade Econômica Europeia em 1973, após a saída do general De Gaulle do poder na França. Contudo, é preciso também recordar que os britânicos aderiram a um mercado comum e não a um projeto de união política como se tornou a União Europeia depois da década de 1990. O Reino Unido não aderiu a união monetária que criou a moeda única, o Euro, por entender ser necessário manter a soberania na definição de sua política cambial e valorização de sua moeda nacional, a libra esterlina.

Do mesmo modo, quando o Tratado de Maastricht em 1992 aprofundou os acordos de União Política estabelecendo os pilares supranacionais da estrutura europeia os britânicos ficaram receosos. Quando a União Europeia avançou no acordo de Schengen estabelecendo a livre circulação de pessoas e uma política de abertura de fronteiras os britânicos também recuaram para manter sua soberania para determinar quem poderia entrar no seu território.



Percebe-se, portanto, que o Reino Unido, já detinha uma política de certo distanciamento da União Europeia ao mesmo tempo em que os muitos princípios defendidos pelo movimento UKIP também já estavam presentes antes mesmo de existir um referendo sobre o BREXIT. Quando partido conservador no Reino Unido passou a defender a permanência do país na União Europeia líderes “eurocéticos” como Nigel Farage ganharam força. Para Farage a União Europeia era um “Titanic afundando e o Brexit um bote salva-vidas” (FARAGE, 2020a). Após a consolidação da saída do Reino Unido da União Europeia Farage disse no parlamento europeu:

Esse é o fim de uma Estrada. O fim de um experimento político de 47 anos que os britânicos francamente nunca foram muito felizes. Meu pai e minha mãe votaram por um mercado comum e não por uma união política, por bandeiras, hinos e presidentes (...). Minha visão sobre a Europa mudou em 2005 eu vi a constituição. Vi essa constituição sendo recusada pelos franceses, holandeses e irlandeses em seus referendos. E vi vocês ignora-los e se vangloriar de que poderiam passa-la a força sem referendos. (...) Nós queremos cooperação e reciprocidade, mas não precisamos de todas essas instituições, de uma comissão, de todo esse poder. Nós no BREXIT amamos a Europa e odiamos a União Europeia (FARAGE, 2020b).

Em suma, o movimento político do Brexit se enquadra em um debate global sobre o papel da soberania, que tanto é princípio de direito internacional consagrado na Carta da ONU quanto um privilégio para as nações que tem poder para defendê-la. De outro lado temos uma visão globalista, defendendo limites a soberania nacional, instituições supranacionais com burocratas não eleitos. Em outras palavras o globalismo é em resumo “uma ideologia que preconiza a construção de um aparato burocrático de alcance global centralizador” (MARTINS, 2018). A perspectiva soberanista defendida no BREXIT, ao contrário, se recusa a submeter às decisões políticas domésticas a um corpo de tecnocratas não eleitos. O BREXIT não é o fim desse debate, mas pelo que se nota, é apenas uma das primeiras reações ao fenômeno globalista e suas instituições supranacionais.

REFERÊNCIAS

FARAGE, N. “We're leaving a sinking EU Titanic on our Brexit lifeboat, rowing to a bright new future” **The Telegraph** [31/01/2020a]. Disponível em: <www.telegraph.co.uk/authors/nigel-farage>. Acesso em 04/02/2020.

FARAGE, N. Habemus Brexit - Discurso de Nigel Farage”. **Talk About em português** [31/01/2020b]. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=wjjB11qgMMc>. Acesso em 04/02/2020.

HUNT, A. “UKIP: The story of the UK Independence Party's rise”. **BBC News** [21/11/2014]. Disponível em: <www.bbc.com/news/uk-politics-21614073>. Acesso em 04/02/2020.



MARTINS, F. G. “Globalismo e Globalização”. **Senso Incomum** [16/11/2018]. Disponível em: <www.sensoincomum.org/2018/11/16/nova-vergonha-midia-globalismo-globalizacao>. Acesso em 04/02/2020.

SCHUMANN, R. **French Policy Towards Germany Since the War**. Oxford: Oxford University Press, 1954.

UKIP - United Kingdom Independence Party. **Manifesto for Brexit and Beyond** [2019]. Disponível em: <www.ukip.org/ukip-manifesto-item.php?cat_id=26>. Acesso em 04/02/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 1 | Nº 2 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima